



ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. **Construção da identidade toponímica: os nomes dos municípios paranaenses.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 16, Dezembro 2014. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4031>

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TOPONÍMICA: OS NOMES DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES

Anna Carolina Chierotti dos Santos Ananias¹

Marcia Zamariano²

RESUMO

Este trabalho discute a análise dos designativos dos 399 municípios do Estado do Paraná. A Toponímia, ramo da Onomástica, possui como eixo central o topônimo (nome próprio de lugar), que é o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. Busca-se correlacionar esses designativos com a formação étnica da população e com as diferentes fases da ocupação e colonização do Estado. A análise dos dados foi orientada por princípios teórico-metodológicos da Toponímia fundamentalmente de Dick (1990a; 1990b). A pesquisa revelou que, nos topônimos paranaenses, atingiram a maior produtividade os antropotopônimos, hagiotoopônimos e os fitotopônimos. Os resultados apontaram, ainda, que no conjunto predominaram topônimos de base linguística portuguesa e de estrutura formal simples.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia; Léxico; Paraná.

ABSTRACT

This paper discusses a analysis of the design of 399 towns in Paraná state. The Toponymy, branch of Onomastics, has as the centerpiece of their studies the toponym (place name itself), which is the linguistic sign with indicator or identifier function of a geographic space (landform). Seeks to correlate these designations with the ethnic background of the population and the different phases of occupation and colonization of the state. Data analysis was guided by theoretical and methodological principles of Toponymy, fundamentally of Dick (1990a, 1990b). The survey revealed that, in Paraná toponyms, have reached the higher productivity the antropotoponyms, hagiotoponyms and the phytotoponyms. The results also showed that the predominant set of toponyms Portuguese linguistic basic and simple formal structure.

KEYWORDS: Toponymy; Lexicon; Paraná.

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

2. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Introdução

Desde seu aparecimento, a linguagem foi tão completa quanto o pensamento humano que ela representa. Por isso, ela pode ser considerada uma mediadora entre o homem e os fenômenos do mundo que, por sua vez, não necessitam ser reais para se transformarem em objetos de atenção desse homem. O conhecimento, nos primórdios da humanidade, limitava-se à observação comum e ocasional da realidade, à simples apreensão de fatos e fenômenos. O homem primitivo encontrava dentro de si mesmo um eco secreto que respondia a todas as vozes exteriores, transformando-as posteriormente em articulações e palavras.

Renan (1950) destaca que, entre os que primeiro falaram, havia a existência de um sentido especial da natureza, que a tudo emprestava uma significação, vendo a alma no mundo exterior, e o mundo exterior na alma. Destaca ainda que essa percepção da realidade despertou no homem primitivo a necessidade de nomear o seu mundo e as suas sensações, recorrendo para isso à criação das palavras. Com o passar do tempo, o homem criou um vocabulário que atendesse as suas necessidades momentâneas, mas

[...] nem uma só das palavras atualmente usadas deixa de ter sua razão de ser, ligando-se todas elas, através de mil e uma transformações, a uma eleição primitiva. Ora, o motivo determinante na escolha das palavras deve ter sido, na maioria dos casos, o desejo de imitar o objeto que se queria representar.

(RENAN: 1950, p. 114)

O ser humano verbaliza seus sentimentos por meio da palavra, fenômeno linguístico que tem fascinado os estudiosos ao longo da história. Em todas as civilizações, a palavra tem sido motivo de surpresa e de mistério; sempre esteve revestida de poder e de superstição. A pertinência da relação entre a palavra e aquilo que nomeia é investigada há séculos. Os mitos mais antigos já apontavam o poder criador das palavras, uma vez que, por meio delas, o homem conhece, transmite o conhecimento do mundo que o cerca, nomeia e identifica as entidades da sua realidade.

Na história da especulação linguística até onde podemos retroceder, tem-se considerado que uma das funções fundamentais da linguagem é a de nomear. Ao atribuir nomes a algo, o indivíduo se apropria do real, como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo, no Gênesis (I, 3-5): “[...] Deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite [...]”; e em outro momento Adão é chamado para dar nomes aos animais, de tal modo que “todo o nome que Adão pôs aos animais vivos, esse é o seu

verdadeiro nome” (Gênesis II, 19-20). De acordo com Biderman (1998b, p. 11), o homem sempre necessitou conhecer para nomear, por isso

[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Esse nomear envolve tanto o nome de pessoas como o de lugares, pois a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada, e a forma de apreendê-la é só por meio dos signos, pois só é perceptível no mundo o que é nomeado por meio da língua. Ao dar nomes aos seres, objetos e fenômenos, o homem “os classifica simultaneamente”; ele estrutura o mundo que o cerca e se apropria do real (BIDERMAN: 1998a, p. 91-92).

Em razão disso, o ato de nomear as coisas adquire importância fundamental, pois possibilita o encontro do que foi nomeado com sua origem, estabelecendo uma relação em que as palavras vão além da mera designação dos elementos, pois estão impregnadas de um significado que as transcende.

Se em um topônimo percebemos a “marca” da história, esta não pode ser descartada, uma vez que não representa somente o relato concatenado de um episódio qualquer ou de uma série de acontecimentos engrenados na evolução geral da vida humana. É também tudo aquilo que corresponde ao rastro deixado pela própria vida, e que permitirá a alguém, algum dia, reconstituí-la convenientemente, para pôr ao alcance do presente e do futuro, as lições do passado.

Cada geração guarda de sua cidade, a memória de fatos ou acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. A história enriquece as representações possíveis da memória, fornece símbolos e conceitos para que a sociedade pense sobre si mesma e sobre sua relação com o passado e fertiliza a memória, reativando as lembranças. A intersecção que há entre a Toponímia com a História permite que o campo de trabalho de ambas se sinta tocado de perto. Enquanto a História facilita os segmentos dos processos, a Toponímia contribui para um melhor conhecimento dos fatos e dados que se mantinham mascarados nos nomes de lugar, tendo em vista que, muitas vezes, os topônimos podem ser as únicas evidências da presença histórica de grupos humanos em uma área geográfica. Pode-se afirmar que os topônimos paranaenses trazem consigo “marca” da história e da cultura de uma localidade e revelam muito do passado histórico do Paraná.

Historicamente, o povoamento do Estado do Paraná é caracterizado pelas diversas fases econômicas que ocorreram ao longo de sua história (mineração, tropeirismo, madeira, mate, café e soja).

Desta maneira, parcelas do território foram sendo ocupadas segundo as motivações de exploração econômica do momento, caracterizado por um processo de povoamento irregular.

Nesta perspectiva, este trabalho discute, com base na análise dos designativos dos 399 municípios paranaenses, questões relacionadas à Toponímia, cultura e história social paranaense. Os dados analisados e as fases em que foram criados os municípios foram extraídos da base de dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). O embasamento teórico relativo à Toponímia e a orientação metodológica foram buscados nos trabalhos de Dick, em sua Tese de Doutorado, *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990a), e em artigos da autora constantes de *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990b).

Aspectos da formação do território paranaense

O espaço geográfico paranaense foi atravessado, desde o início do século XVI, por exploradores europeus, de norte a sul e de leste a oeste, tendo sempre como ponto de partida o seu litoral. Particularmente, a ocupação europeia aconteceu por duas vias: uma espanhola e a outra portuguesa.

A ocupação espanhola aconteceu quando, ao final do século XV, Portugal e Espanha celebraram o Tratado de Tordesilhas (1494), acordo em que a maior parte das terras brasileiras ficou sob jurisdição do governo espanhol. Os espanhóis fundaram em 1554 a primeira povoação, próxima a Sete Quedas, denominada Ontiveros. Esse povoado foi transferido em 1557 para a foz do rio Piquiri, com o nome de Ciudad Real de Guairá. Por fim, em 1579, os espanhóis fundaram, na confluência dos rios Corumbataí e Ivaí, a cidade de Vila Rica do Espírito Santo (WACHOWICZ: 2001, p. 29-42).

Já a ocupação do território paranaense pelos portugueses ocorreu a partir da doação feita por D. João III, das Capitânicas Hereditárias (por volta de 1523), de São Vicente a Martim Afonso de Souza e a de Santo Amaro a Pero Lopes de Souza. A notícia do descobrimento de ouro nos rios da baía de Paranaguá motivou um grande número de habitantes vindos de Cananéia, São Vicente, Santos e São Paulo. Entre eles estava Gabriel de Lara, a quem coube, em 1648, a instituição da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. A mineração foi o primeiro ciclo econômico paranaense e teve como efeitos o povoamento do litoral; o surgimento de Paranaguá; o desbravamento e colonização do primeiro planalto, além da fundação de Curitiba (LAZIER: 2003, p. 41-42).

Como a produção do ouro no território paranaense não obteve sucesso, instalou-se uma economia complementar à atividade mineradora, a pecuária extensiva, como alternativa de sobrevivência e sua posterior expansão para a região do segundo planalto, denominado de “Campos Gerais”. O marco da

integração desses espaços campestres na economia colonial foi o estabelecimento da rota que conduzia o gado proveniente do sul rumo à Feira de Sorocaba em São Paulo, onde se realizava o comércio do gado.

Barthelmess (1962, p. 46) pondera que quase todas as cidades e vilas do Paraná Velho (constituído pela sociedade campeira) nasceram sob o impulso da economia pastoril, quer como centros de convergência local da atividade social de um grupo de fazendas próximas, quer como estações de pouso das tropas e de rebanhos procedentes das pastagens gaúchas ou formadas no próprio Paraná. Esses núcleos urbanos surgidos na época do tropeirismo são representados hoje pelas cidades de Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, dentre outras.

Conforme Silveira (1998, p. 131), com o esgotamento e o declínio da pecuária extensiva, foram buscadas novas alternativas econômicas. Assim, a saída encontrada foi explorar as áreas tradicionais de ocupação, ricas em mata nativa de araucárias e outras madeiras e de erva-mate. Entre o final do século XIX e início do século XX, a erva-mate e a madeira passam a representar importantes fontes de divisas no Paraná.

As cidades surgidas durante o ciclo do mate, para Barthelmess (1962, p. 52), tiveram sua vida econômica repentinamente estagnada, quando, na década de 1930, a produção crescente desse tipo de erva na Argentina abalou os alicerces do mercado ervateiro. Já a exploração da madeira ganhou impulso a partir de meados da década de 1940, associada à conjuntura favorável criada a partir da 1ª Guerra Mundial, que dificultou a importação da madeira europeia. Essa atividade econômica reorganizou o espaço regional paranaense, absorvendo a mão-de-obra excedente da exploração da erva-mate.

A ocupação do norte paranaense, conforme Silveira (1998, p. 133), foi um fenômeno oriundo da expansão da fronteira agrícola do café paulista. Teve início de forma branda no final do século XIX, ocupando a região de Jacarezinho, Santo Antônio da Platina, Wenceslau Braz e São José da Boa Vista. Todavia, essa ocupação só tomou grande impulso a partir de 1920, em decorrência do rápido aumento do preço do café no mercado internacional a partir da 1ª Guerra Mundial.

A última fase de ocupação do Estado, que corresponde ao Paraná do sudoeste e oeste, deu-se em meados da década de 1950, com criadores de suínos e plantadores de cereais oriundos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

De modo geral, essas fases da economia paranaense não se sucederam uma suprimindo a outra, nem resultaram num processo de povoamento irregular, no qual parcelas do território foram sendo ocupadas, segundo as motivações de exploração econômica do momento. A associação que comumente se estabelece entre o sistema de povoamento e os ciclos econômicos paranaenses decorre do avanço populacional ter sido sempre movido pelo interesse econômico e ter obedecido a uma lógica leste-oeste, resultado do processo de ocupação e colonização a partir do litoral. A esse respeito, Fajardo (2006, p. 97) esclarece que “não se trata de uma regionalização administrativa oficial, mas de um recorte definido pela espacialidade do processo histórico de povoamento e ocupação econômica

do território”. Sem dúvida, as condições do meio físico paranaense influíram no seu povoamento, na fixação humana em suas terras e no aproveitamento de suas reais possibilidades econômicas.

Assim deduz-se que os primeiros núcleos de povoamento estabelecidos no litoral com a descoberta do ouro iniciaram não só a posse e transformação do território, mas também a atividade econômica. No que diz respeito à ocupação populacional, o que se pode afirmar categoricamente é que toda ela foi movida fundamentalmente pela atividade econômica. A fixação de núcleos populacionais em determinadas áreas só foi possível sustentada por uma atividade econômica permanente (PADIS: 1981, p. 37). Em suma, a ocupação obedeceu a ritmos determinados pela motivação da própria atividade econômica em questão, nas várias regiões do Paraná, concretizando-se nas chamadas “frentes pioneiras”, onde predominavam uma ou outra atividade.

Cabe aqui destacar que alguns fatos (como emancipação política da Província e começo da instalação de fazendas no Norte Velho), os quais ocorreram logo no início da segunda metade do século XIX e são possivelmente interrelacionados, marcaram sobremaneira a política governamental de terras e colonização empreendida posteriormente no Paraná.

Pressupostos teóricos

Já se tornou lugar comum afirmar que a língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações e, “sendo um patrimônio de toda uma comunidade linguística, faculta a todos os membros dessa sociedade o direito de criatividade léxica”, já que é o homem que atua nas transformações sociais (ALVES: 2002, p. 06).

Logo, para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso considerar também a história, os costumes e o ambiente em que vive esse grupo, uma vez que toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes por meio de seu acervo lexical, o conjunto de palavras de uma língua natural, no qual estão projetadas as experiências vividas por determinado grupo sociolinguístico-cultural. Isso porque “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN: 2001, p. 179). Nessa mesma linha de raciocínio, Oliveira e Isquardo (2001, p. 09) ponderam que

o léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua, é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Nesse contexto cabe situar a Toponímia também como uma fonte de informação léxica direta porque os topônimos, como signos da língua, são testemunhas de mudanças linguísticas. Os estudos toponímicos se apoiam, basicamente, na análise das formas léxicas, para identificar os processos linguísticos envolvidos na formação dos topônimos e fornecer uma descrição dos elementos constituintes das suas estruturas.

A pesquisa toponímica pode contribuir como uma fonte de dados históricos para estudos topográficos de uma região, além de ampliar os conhecimentos culturais e linguísticos, porque descreve a extensão geográfica e os recursos naturais de uma área; resgata informações acerca de aspectos históricos, sociais e etnolinguísticos de um povo.

De acordo com Dick (1990b, p. 119), o conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do grego *topos*, “lugar” + *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação: física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.). A autora postula ainda que a Toponímia antes de tudo “é um imenso complexo línguocultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, constituindo-se como “um fato do sistema das línguas humanas”, que revela valores locais presentes ou pretéritos (cf. DICK: 1990b, p. 119).

Já Salazar-Quijada (1985, p. 18), pesquisador venezuelano, define a Toponímia como “...aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antroponímicos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista”.

As diferenças genéricas que caracterizam o campo de estudos reservado aos dois ramos da Onomástica, Toponímia e Antroponímia, não impedem o encontro, em termos funcionais, dos respectivos objetos de pesquisa. Na verdade, enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem à distinção dos indivíduos entre si, ambos considerados verdadeiros registros do cotidiano que, em certas circunstâncias, a não ser por meio deles, escaparia às gerações futuras.

Enquanto cenários do mundo antigo, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às uniões e rupturas do ser humano com seu espaço. A adaptação do homem aos diversificados espaços geográficos transforma-se, portanto, em parte significativa da história de cada um deles.

Embora a nomeação de lugares seja um ato realizado pelo homem desde tempos remotos, Dick (1990b, p. 01) esclarece que o reconhecimento da Toponímia como disciplina autônoma ocorreu

apenas no século XIX, por volta de 1878, na França, com os estudos de August Longnon na École Pratique des Hautes-Études e no Collège de France. Postumamente, alguns de seus alunos, baseados no curso por ele ministrado, publicaram, em 1912, *Les Noms de Lieu de la France*.

No Brasil, os estudos de Toponímia foram iniciados com a obra de Theodoro Sampaio – *O Tupi na geographia nacional* (1914). Outra significativa contribuição aos estudos toponímicos brasileiros foi fornecida pelo geólogo Everardo Backheuser (1950) por meio da obra *Toponímia (suas regras – sua evolução)*. Temos ainda o trabalho significativo de Armando Levy Cardoso – *Toponímia Brasileira* (1961).

No Brasil, a disciplina Toponímia está solidificada na Universidade de São Paulo em cursos de graduação e de pós-graduação. Segundo Dick (1990b, p. II), a Toponímia não representa um “mero diletantismo”, sem vinculação com outras ciências do conhecimento humano das quais recebe, “ao mesmo tempo em que lhes fornece subsídios preciosos para suas configurações teóricas”. Segundo a autora, não se considera mais a Toponímia como disciplina completa e acabada, pois hoje está caracterizada como uma disciplina aberta e de caráter dinâmico que vai sendo ampliada ao mesmo tempo em que se nomeiam novos espaços.

Nesse sentido, os estudos toponímicos podem contemplar a interface entre a Toponímia e as diferentes ciências humanas e sociais. Igualmente, outras ciências como a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Filosofia, a Cartografia, a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia e até mesmo a Psicologia Social podem fornecer seus princípios teórico-metodológicos aos estudos toponímicos, cabendo ao pesquisador a responsabilidade de intermediar os conhecimentos.

De certa forma, foi Drumond (1965) quem impulsionou os estudos toponímicos no Brasil com a sua obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. Esse autor considerava que os nomes de lugares eram um dos mais negligenciados nos estudos brasileiros e que os poucos trabalhos existentes não se pautavam em métodos apropriados para a descrição dos topônimos, limitando-se a listagens de nomes indígenas, acompanhadas ou não de um significado (DRUMOND: 1965, p. 13).

Como catedrático da Universidade de São Paulo – USP, orientou e motivou a Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick a descrever a Toponímia do Brasil, na sua tese de Doutorado – *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos*, defendida em 1980.

Outra obra contemporânea sobre a área de pesquisa é *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos* (DICK, 1990), que reúne importantes artigos publicados pela autora ao longo de sua carreira. Ela tem se dedicado nas três últimas décadas, a divulgar a teoria sobre Toponímia e à elaboração do Atlas Toponímico do Brasil – ATB e suas variantes, o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – Projeto ATESP.

Análise e discussão dos dados

Um dos objetivos deste trabalho é proceder à classificação taxionômica dos 399 topônimos, conforme modelo adotado por Dick (1990b, p. 31-34). A pesquisa de Dick (1990) enriquece, sobremaneira, os estudos toponímicos e pode ser considerada a de maior importância sobre o assunto no Brasil, por mostrar uma abordagem teórica profunda, subsidiada por vasto conhecimento de obras relativas à área. Os trabalhos dessa pesquisadora são fundamentais para quem deseja especializar-se nesse campo de estudo, por revestir-se de qualidades estruturais e científicas inovadoras.

Para Dick (1990b, p. 10), a estrutura do topônimo pode ser discutida sob alguns aspectos intra e extralinguísticos. Da relação do topônimo com o acidente geográfico, estabelece-se uma interação íntima que compreende dois elementos básicos: elemento (termo) genérico e elemento (termo) específico. O primeiro é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o segundo, o topônimo propriamente dito, que particulariza a noção espacial, identificando-o e singularizando-o dentre outras semelhantes. Forma-se, então, um sintagma nominal justaposto ou aglutinado, conforme a natureza da língua em questão.

O modelo se tornou um expoente na área a partir de como as taxionomias foram organizadas além de serem viáveis em contextos diversificados. A classificação taxionômica de Dick (1990b, p. 31-34)³ está dividida em 11 taxes de natureza física (caracterizam o ambiente em todos os aspectos que

3. **A – TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA:** Astrotopônimos – referentes aos corpos celestes; Cardinotopônimos – relativos às posições geográficas; Cromotopônimos – referentes à escala cromática; Dimensiotopônimos – referentes à dimensão dos acidentes geográficos (extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade); Fitotopônimos – de índole vegetal; Geomorfotopônimos – relativo às formas topográficas, (elevações – montanha, monte, morro, colina, coxilha; depressões do terreno – vale, baixada; formações litorâneas – costa, cabo, angra, ilha, porto); Hidrotopônimos – resultantes de acidentes hidrográficos, (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz); Litotopônimos – os de índole mineral e também os referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro); Meteorotopônimos – relativos a fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve); Morfotopônimos – os que refletem o sentido de forma geométrica; Zootopônimos – relativos a animal (doméstico e não doméstico). **B – TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL:** Animotopônimos – referentes à vida psíquica e à cultura espiritual não pertencentes à cultura física (vitória, triunfo, saudade, belo, feio); Antrotopônimos – os referentes aos nomes próprios individuais (prenome, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família, prenome + apelido de família); Axiotopônimos – relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais; Corotopônimos – referentes a nomes de cidades, países, Estados, regiões e continentes; Cronotopônimos – encerram indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha nos topônimos; Dirrematopônimos – os constituídos por frases enunciados; Ecotopônimos – relativos às habitações; Ergotopônimos – referentes aos elementos da cultura material; Etnotopônimos – relativos aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas); Hierotopônimos – relativos a nomes sagrados de crenças diversas (cristã, hebraica), a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto, com subdivisões em Hagiotopônimos (nomes de santos/santas do hagiológico romano) e Mitotopônimos (entidades mitológicas); Historiotopônimos – relativos aos movimentos de cunho histórico-social, a seus membros e às datas comemorativas; Hodotopônimos – referentes às vias de comunicação rural ou urbana; Numerotopônimos – relativos aos adjetivos numerais; Poliotopônimos – constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; Sociotopônimos – os relativos às atividades profissionais, locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade (largo, praça); Somatotopônimos – os relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou do animal.

compõem sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais, etc.) e 16 taxes de natureza antropocultural (caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos).

A pesquisa toponímica na atualidade vai além da investigação etimológica dos designativos atribuídos aos espaços geográficos. Numa perspectiva mais atual, esse ramo de estudos leva em consideração, também, em seu escopo, o contexto (as condições) em que o topônimo foi criado, ou seja, os fatores que motivaram o denominador para a escolha de determinado nome para batizar os acidentes. E é nesse fator que repousa a atualidade e a importância da investigação toponímica entre os meios de reflexão linguística.

O método empregado na Toponímia é o da investigação do pormenor tópico-nominal, que pode ser recolhido no registro de cartas geográficas (base documental) ou como variação, no exame do espaço ou do objeto, pelo próprio pesquisador (trabalho de campo). Assim, a partir do conjunto dos elementos mapeados ou levantados numa pesquisa de campo é que surge o texto onomástico. Segundo Dick (2006, p. 103), nesse “plano de concretudes, há lugar para confluências ou cruzamentos de saberes”.

Já a obtenção do significado (etimologia e abonações) dos itens lexicais que deram origem aos topônimos, etapa fundamental para a classificação taxionômica do topônimo, foi obtida por meio de consultas aos dicionários⁴.

Quando a consulta às obras citadas não foi suficiente para esclarecer a questão da origem do topônimo, buscamos em outras fontes⁵ a complementação das informações.

Devido ao pouco espaço disponível, as definições etimológicas, principalmente aquelas que não pertencem à língua portuguesa e necessitam das abonações de dicionários e obras afins, não serão apresentadas. No item referente à estrutura morfológica do topônimo, classificamos como simples, quando formado por apenas um formante e composto, aquele que apresenta mais de um elemento em sua formação.

A seguir apresenta-se o quadro geral dos dados lexicográficos e toponímicos que reúne os 399 topônimos analisados.

4. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (versão digital); *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antonio Geraldo da Cunha (1999); *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi*, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985); *Dicionário Tupi-português*, de Luiz Caldas Tibiriçá (1984); *Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná*, de Ermelino de Leão, (1994); *A Língua Tupi na Geografia do Brasil*, de Orlando Bordoni [s/d]; *O Tupi na Geographia Nacional*, de Theodoro Sampaio (1928); *Glossário – ATEPAR* (1999).

5. *O nome Curitiba*, de Aryon Dall’Igna Rodrigues, (1995); *Terra e gente do Paraná*, de Romário Martins, (1995); *Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá* (até a emancipação da Província do Paraná), de Júlio Estrela Moreira, (1975); *Paranaguá na História e na Tradição*, de Manoel Viana, (1976); *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: municípios do Estado do Paraná – do IBGE*, (1959).

TOPÔNIMO	LÍNGUA DE ORIGEM ¹	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
Abatiá	LT	Fitotopônimo	Simple
Adrianópolis ²	LP	Antropotopônimo	Simple
Agudos do Sul	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Almirante Tamandaré	LP + LT	Axiotopônimo	Composto híbrido
Altamira do Paraná	LP + LT	Corotopônimo	Composto híbrido
Alto Paraíso	LP + LP	Dimensiotopônimo	Composto
Alto Paraná	LP + LT	Dimensiotopônimo	Composto híbrido
Alto Piquiri	LP + LT	Dimensiotopônimo	Composto híbrido
Altônia	LP	Antropotopônimo	Simple
Alvorada do Sul	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Amaporã	LT	Animotopônimo	Simple
Ampére	LF	Antropotopônimo	Simple
Anahy	LP	Antropotopônimo	Simple
Andirá	LT	Zootopônimo	Simple
Ângulo	LP	Morfotopônimo	Simple
Antonina	LP	Antropotopônimo	Simple
Antonio Olinto	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Apucarana	LC	Geomorfotopônimo	Simple
Arapongas	LT	Zootopônimo	Simple
Arapoti	LT	Geomorfotopônimo	Simple
Arapuã	LT	Zootopônimo	Simple
Araruna	LT	Zootopônimo	Simple
Araucária	LP	Fitotopônimo	Simple
Ariranha do Ivaí	LT + LT	Zootopônimo	Composto
Assaí	LJP	Astrotopônimo	Simple
Assis Chateaubriand	LIT + LF	Antropotopônimo	Composto híbrido
Astorga	LP	Corotopônimo	Simple
Atalaia	LA	Cardinotopônimo	Simple
Balsa Nova	LP + LP	Ergotopônimo	Composto
Bandeirantes	LP	Historiotopônimo	Simple
Barbosa Ferraz	LP + LE	Antropotopônimo	Composto híbrido
Barra do Jacaré	LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Barracão	LP	Ecotopônimo	Simple
Bela Vista do Caroba	LP+LP+LT	Animotopônimo	Composto híbrido
Bela Vista do Paraíso	LP+LP+LP	Animotopônimo	Composto
Bituruna	LT	Meteorotopônimo	Simple
Boa Esperança	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Boa Esperança do Iguaçu	LP+LP+LT	Animotopônimo	Composto híbrido
Boa Ventura de São Roque	LP+LP+LP	Animotopônimo	Composto
Boa Vista da Aparecida	LP+LP+LP	Animotopônimo	Composto
Bocaiúva do Sul	LT + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido

Bom Jesus do Sul	LP+LP+LP	Animotopônimo	Composto
Bom Sucesso	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Bom Sucesso do Iguacu	LP+LP+LT	Animotopônimo	Composto híbrido
Borrazópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Braganey	LP	Antropotopônimo	Simple
Brasilândia do Sul	LP + LP	Corotopônimo	Composto
Cafeara	LP	Fitotopônimo	Simple
Cafelândia	LP	Fitotopônimo	Simple
Cafezal do Sul	LP + LP	Fitotopônimo	Composto
Califórnia	LE	Corotopônimo	Simple
Cambará	LT	Fitotopônimo	Simple
Cambé	LC	Fitotopônimo	Simple
Cambira	LT	Fitotopônimo	Simple
Campina da Lagoa	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campina do Simão	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campina Grande do Sul	LP+LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campo Bonito	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campo do Tenente	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campo Largo	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campo Magro	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Campo Mourão	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Cândido de Abreu	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Candói	LC	Etnotopônimo	Simple
Cantagalo	LP	Dirrematotopônimo	Simple
Capanema	LT	Fitotopônimo	Simple
Capitão Leônidas Marques	LP+LP+LP	Axiotopônimo	Composto
Carambeí	LG	Zootopônimo	Simple
Carlópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Cascavel	LP	Zootopônimo	Simple
Castro	LP	Antropotopônimo	Simple
Catanduvas	LT	Fitotopônimo	Simple
Centenário do Sul	LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Cerro Azul	LE + LP	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Céu Azul	LP + LP	Meteorotopônimo	Composto
Chopininho	LT	Zootopônimo	Simple
Cianorte	LP	Acronimotopônimo	Simple
Cidade Gaúcha	LP + LP	Poliotopônimo	Composto
Clevelândia	LI	Antropotopônimo	Simple
Colombo	LIT	Antropotopônimo	Simple
Colorado	LE	Corotopônimo	Simple
Congonhinhas	LT	Fitotopônimo	Simple
Conselheiro Mairinck	LP + LAL	Axiotopônimo	Composto híbrido

Contenda	LP	Animotopônimo	Simples
Corbélia	LF	Ergotopônimo	Simples
Cornélio Procópio	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Coronel Domingos Soares	LF+LP+LP	Axiotopônimo	Composto híbrido
Coronel Vivida	LF + LP	Axiotopônimo	Composto híbrido
Corumbataí do Sul	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
Cruz Machado	LP + LP	Hierotopônimo	Composto
Cruzeiro do Iguaçu	LP + LT	Astrotopônimo	Composto híbrido
Cruzeiro do Oeste	LP + LP	Astrotopônimo	Composto
Cruzeiro do Sul	LP + LP	Astrotopônimo	Composto
Cruzaltina	LP	Hierotopônimo	Simples
Curitiba	LT	Fitotopônimo	Simples
Curiúva	LT	Fitotopônimo	Simples
Diamante D'Oeste	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Diamante do Norte	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Diamante do Sul	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Dois Vizinhos	LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Douradina	LP	Litotopônimo	Simples
Doutor Camargo	LP + LP	Axiotopônimo	Composto
Doutor Ulysses	LP + LP	Axiotopônimo	Composto
Éneas Marques	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Engenheiro Beltrão	LP + LP	Axiotopônimo	Composto
Entre Rios do Oeste	LP+LP+LP	Cardinotopônimo	Composto
Esperança Nova	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Espigão Alto do Iguaçu	LP+LP+LT	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Farol	LCA	Ecotopônimo	Simples
Faxinal	LIT	Geomorfotopônimo	Simples
Fazenda Rio Grande	LP+LP+LP	Sociotopônimo	Composto
Fênix	LP	Mitotopônimo	Simples
Fernandes Pinheiro	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Figueira	LP	Fitotopônimo	Simples
Flor da Serra do Sul	LP+LP+LP	Fitotopônimo	Composto
Floraí	LP	Fitotopônimo	Simples
Floresta	LP	Fitotopônimo	Simples
Florestópolis	LP	Fitotopônimo	Simples
Flórida	LE	Corotopônimo	Simples
Formosa do Oeste	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Foz do Iguaçu	LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Foz do Jordão	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Francisco Alves	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Francisco Beltrão	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
General Carneiro	LP + LP	Axiotopônimo	Composto

Godoy Moreira	LE + LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Goioerê	LC	Hidrotopônimo	Simple
Goioxim	LC	Dimensiotopônimo	Simple
Grandes Rios	LP + LP	Dimensiotopônimo	Composto
Guaira	LT	Zootopônimo	Simple
Guairaça	LT	Zootopônimo	Simple
Guamiranga	LT	Fitotopônimo	Simple
Guapirama	LT	Geomorfotopônimo	Simple
Guaporema	LT	Fitotopônimo	Simple
Guaraci	LT	Mitotopônimo	Simple
Guaraniaçu	LG	Etnotopônimo	Simple
Guarapuava	LT	Zootopônimo	Simple
Guaraqueçaba	LT	Sociotopônimo	Simple
Guaratuba	LT	Zootopônimo	Simple
Honório Serpa	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Ibaiti	LT	Hidrotopônimo	Simple
Ibema	LP	Acronimotopônimo	Simple
Ibiporã	LT	Litotopônimo	Simple
Icaraíma	LT	Hidrotopônimo	Simple
Iguaçu	LT	Ergotopônimo	Simple
Iguatu	LT	Hidrotopônimo	Simple
Imbaú	LT	Fitotopônimo	Simple
Imbituva	LT	Fitotopônimo	Simple
Inácio Martins	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Inajá	LT	Fitotopônimo	Simple
Indianópolis	LP	Etnotopônimo	Simple
Ipiranga	LT	Cromotopônimo	Simple
Iporã	LT	Animotopônimo	Simple
Iracema do Oeste	LT + LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Irati	LT	Zootopônimo	Simple
Iretama	LT	Ecotopônimo	Simple
Itaguajé	LT	Litotopônimo	Simple
Itaipulândia	LT	Hidrotopônimo	Simple
Itambaracá	LT	Litotopônimo	Simple
Itambé	LT	Litotopônimo	Simple
Itapejara D'Oeste	LT + LP	Mitotopônimo	Composto híbrido
Itaperuçu	LT	Hodotopônimo	Simple
Itaúna do Sul	LT + LP	Litotopônimo	Composto híbrido
Ivaí	LT	Fitotopônimo	Simple
Ivaiporã	LT	Ergotopônimo	Simple
Ivaté	LT	Geomorfotopônimo	Simple
Ivatuba	LT	Litotopônimo	Simple

Jaboti	LT	Zootopônimo	Simple
Jacarezinho	LT	Zootopônimo	Simple
Jaguapitã	LT	Zootopônimo	Simple
Jaguariaíva	LT	Zootopônimo	Simple
Jandaia do Sul	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
Janiópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Japira	LT	Zootopônimo	Simple
Japurá	LT	Zootopônimo	Simple
Jardim Alegre	LF + LP	Sociotopônimo	Composto híbrido
Jardim Olinda	LF + LP	Sociotopônimo	Composto híbrido
Jataizinho	LT	Zootopônimo	Simple
Jesuítas	LIT	Hierotopônimo	Simple
Joaquim Távora	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Jundiá do Sul	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
Juranda	LT	Fitotopônimo	Simple
Jussara	LT	Fitotopônimo	Simple
Kaloré	LC	Litotopônimo	Simple
Lapa	LP	Geomorfotopônimo	Simple
Laranjal	LP	Fitotopônimo	Simple
Laranjeiras do Sul	LP + LP	Fitotopônimo	Composto
Leópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Lidianópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Lindoeste	LP	Animotopônimo	Simple
Loanda	LAF	Corotopônimo	Simple
Lobato	LP	Antropotopônimo	Simple
Londrina	LP	Corotopônimo	Simple
Luiziana	LF	Corotopônimo	Simple
Lunardelli	LIT	Antropotopônimo	Simple
Lupionópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Mallet	LF	Antropotopônimo	Simple
Mamborê	LC	Dimensiotopônimo	Simple
Mandaguçu	LT	Zootopônimo	Simple
Mandaguari	LT	Zootopônimo	Simple
Mandirituba	LT	Zootopônimo	Simple
Manfrinópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Mangueirinha	LP	Sociotopônimo	Simple
Manoel Ribas	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Marechal Cândido Rondon	LF+LP+LP	Axiotopônimo	Composto híbrido
Maria Helena	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Marialva	LP	Corotopônimo	Simple
Marilândia do Sul	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Marilena	LP	Antropotopônimo	Simple

Mariluz	LP	Hagiotopônimo	Simple
Maringá	LP	Corotopônimo	Simple
Mariópolis	LP	Antropotopônimo	Simple
Maripá	LP	Acronimotopônimo	Simple
Marmeleiro	LP	Fitotopônimo	Simple
Marquinho	LP	Ergotopônimo	Simple
Marumbi	LT	Hidrotopônimo	Simple
Matelândia	LCA	Antropotopônimo	Simple
Matinhos	LP	Fitotopônimo	Simple
Mato Rico	LP + LP	Fitotopônimo	Composto
Mauá da Serra	LT + LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Medianeira	LP	Hagiotopônimo	Simple
Mercedes	LP	Antropotopônimo	Simple
Mirador	LCAT	Geomorfotopônimo	Simple
Miraselva	LP	Animotopônimo	Simple
Missal	LP	Hierotopônimo	Simple
Moreira Sales	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Morretes	LP	Geomorfotopônimo	Simple
Munhoz de Mello	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Nossa Senhora das Graças	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Nova Aliança do Ivaí	LP+LP+LT	Cronotopônimo	Composto híbrido
Nova América da Colina	LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Aurora	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Cantu	LP + LNI	Cronotopônimo	Composto híbrido
Nova Esperança	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Esperança do Sudoeste	LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Fátima	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Laranjeiras	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Londrina	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Olímpia	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Prata do Iguaçu	LP+LP+LT	Cronotopônimo	Composto híbrido
Nova Santa Bárbara	LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Santa Rosa	LP+LP+LP	Cronotopônimo	Composto
Nova Tebas	LP + LP	Cronotopônimo	Composto
Novo Itacolomi	LP + LT	Cronotopônimo	Composto híbrido
Ortigueira	LP	Fitotopônimo	Simple
Ourizona	LP	Litotopônimo	Simple
Ouro Verde do Oeste	LP+LP+LP	Litotopônimo	Composto
Paiçandu	LT	Mitotopônimo	Simple
Palmas	LP	Fitotopônimo	Simple
Palmeira	LP	Fitotopônimo	Simple

Palmital	LP	Fitotopônimo	Simples
Palotina	LP	Hierotopônimo	Simples
Paraíso do Norte	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Paranacity	LG	Hidrotopônimo	Simples
Paranaguá	LT	Hidrotopônimo	Simples
Paranapoema	LT	Hidrotopônimo	Simples
Paranavaí	LT	Hidrotopônimo	Simples
Pato Bragado	LP + LP	Zootopônimo	Composto
Pato Branco	LP + LP	Zootopônimo	Composto
Paula Freitas	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Paulo Frontin	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Peabiru	LT	Hidrotopônimo	Simples
Perobal	LT	Fitotopônimo	Simples
Pérola	LP	Litotopônimo	Simples
Pérola D'Oeste	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Piên	LT	Somatotopônimo	Simples
Pinhais	LP	Fitotopônimo	Simples
Pinhal de São Bento	LP+LP+LP	Fitotopônimo	Composto
Pinhalão	LP	Fitotopônimo	Simples
Pinhão	LP	Fitotopônimo	Simples
Piraí do Sul	LT + LP	Zootopônimo	Composto híbrido
Piraquara	LT	Ecotopônimo	Simples
Pitanga	LT	Fitotopônimo	Simples
Pitangueiras	LT	Fitotopônimo	Simples
Planaltina do Paraná	LP + LT	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Planalto	LP	Geomorfotopônimo	Simples
Ponta Grossa	LP + LP	Morfotopônimo	Composto
Pontal do Paraná	LP + LT	Morfotopônimo	Composto híbrido
Porecatu	LG	Hidrotopônimo	Simples
Porto Amazonas	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Porto Barreiro	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Porto Rico	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Porto Vitória	LP + LP	Geomorfotopônimo	Composto
Prado Ferreira	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Pranchita	LCA	Antropotopônimo	Simples
Presidente Castelo Branco	LP+LP+LP	Axiotopônimo	Composto
Primeiro de Maio	LP+LP+LP	Historiotopônimo	Composto
Prudentópolis	LP	Antropotopônimo	Simples
Quarto Centenário	LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Quatiguá	LNI	Fitotopônimo	Simples
Quatro Barras	LP + LP	Numerotopônimo	Composto
Quatro Pontes	LP + LP	Numerotopônimo	Composto

Quedas do Iguaçu	LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Querência do Norte	LE + LP	Sociotopônimo	Composto híbrido
Quinta do Sol	LP + LP	Sociotopônimo	Composto
Quitandinha	LP	Sociotopônimo	Simple
Ramilândia	LM	Fitotopônimo	Simple
Rancho Alegre	LE + LP	Ecotopônimo	Composto híbrido
Rancho Alegre do Oeste	LE+LP+LP	Ecotopônimo	Composto híbrido
Realeza	LP	Axiotopônimo	Simple
Rebouças	LP	Antropotopônimo	Simple
Renascença	LF	Animotopônimo	Simple
Reserva	LP	Sociotopônimo	Simple
Reserva do Iguaçu	LP + LT	Sociotopônimo	Composto híbrido
Ribeirão Claro	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Ribeirão do Pinhal	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Rio Azul	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Rio Bom	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Rio Bonito do Iguaçu	LP+LP+LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Rio Branco do Ivaí	LP+LP+LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Rio Branco do Sul	LP+LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
Rio Negro	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Rolândia	LAL	Antropotopônimo	Simple
Roncador	LP	Hidrotopônimo	Simple
Rondon	LP	Antropotopônimo	Simple
Rosário do Ivaí	LP + LT	Ergotopônimo	Composto híbrido
Sabáudia	LIT	Corotopônimo	Simple
Salgado Filho	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Salto do Itararé	LP + LT	Hidrotopônimo	Composto híbrido
Salto do Lontra	LP + LP	Hidrotopônimo	Composto
Santa Amélia	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Cecília do Pavão	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Cruz do Monte Castelo	LP+LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Fé	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Helena	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Inês	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Isabel do Ivaí	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Santa Izabel do Oeste	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Lúcia	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Maria do Oeste	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Mariana	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Mônica	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Tereza do Oeste	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santa Terezinha de Itaipu	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido

Santana do Itararé	LP + LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Santo Antonio da Platina	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santo Antonio do Caiuá	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
Santo Antonio do Paraíso	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santo Antonio do Sudoeste	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Santo Inácio	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
São Carlos do Ivaí	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Jeronimo da Serra	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São João	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
São João do Caiuá	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São João do Ivaí	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São João do Triunfo	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São Jorge D'Oeste	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São Jorge do Ivaí	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Jorge do Patrocínio	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São José da Boa Vista	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São José das Palmeiras	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São José dos Pinhais	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São Manoel do Paraná	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Mateus do Sul	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São Miguel do Iguaçu	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Pedro do Iguaçu	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Pedro do Ivaí	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Pedro do Paraná	LP+LP+LT	Hagiotopônimo	Composto híbrido
São Sebastião da Amoreira	LP+LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
São Tomé	LP + LP	Hagiotopônimo	Composto
Sapopema	LT	Fitotopônimo	Simple
Sarandi	LT	Fitotopônimo	Simple
Saudade do Iguaçu	LP + LT	Animotopônimo	Composto híbrido
Sengés	LP	Antropotopônimo	Simple
Serranópolis do Iguaçu	LP + LT	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Sertaneja	LP	Fitotopônimo	Simple
Sertanópolis	LP	Fitotopônimo	Simple
Siqueira Campos	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Sulina	LP	Cardinotopônimo	Simple
Tamarana	LC	Ergotopônimo	Simple
Tamboara	LT	Etnotopônimo	Simple
Tapejara	LT	Hodotopônimo	Simple
Tapira	LT	Zootopônimo	Simple
Teixeira Soares	LP + LP	Antropotopônimo	Composto
Telêmaco Borba	LP + LP	Antropotopônimo	Composto

Terra Boa	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Terra Rica	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Terra Roxa	LP + LP	Litotopônimo	Composto
Tibagi	LT	Sociotopônimo	Simple
Tijucas do Sul	LT + LP	Litotopônimo	Composto híbrido
Tomazina	LP	Antropotopônimo	Simple
Toledo	LP	Corotopônimo	Simple
Três Barras do Paraná	LP+LP+LT	Numerotopônimo	Composto híbrido
Tunas do Paraná	LE + LT	Fitotopônimo	Composto híbrido
Tuneiras do Oeste	LE + LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
Tupãssi	LT	Hierotopônimo	Simple
Turvo	LP	Cromotopônimo	Simple
Ubiratã	LT	Fitotopônimo	Simple
Umuarama	LT	Sociotopônimo	Simple
União da Vitória	LP + LP	Animotopônimo	Composto
Uniflor	LP	Fitotopônimo	Simple
Uraí	LG	Fitotopônimo	Simple
Ventania	LP	Meteorotopônimo	Simple
Vera Cruz do Oeste	LP+LP+LP	Corotopônimo	Composto
Verê	LC	Animotopônimo	Simple
Virmond	LF	Antropotopônimo	Simple
Vitorino	LP	Antropotopônimo	Simple
Wenceslau Braz	LES + LP	Antropotopônimo	Composto híbrido
Xambrê	LF	Antropotopônimo	Simple

Quadro I: Quadro geral dos dados lexicográficos e toponímicos dos 399 municípios paranaenses

Na análise da questão da língua de origem dos nomes de municípios é preciso considerar que, no início da povoação do Brasil, e no Paraná não foi diferente, três grupos étnicos predominavam no território brasileiro: os indígenas (habitantes primitivos de todo o espaço brasileiro), os portugueses (colonizadores) e os africanos (trazidos durante o período do tráfico negreiro). São culturas distintas, estratos linguísticos mais recorrentes na Toponímia brasileira e, por extensão, na paranaense.

Ao tratar da Toponímia de origem portuguesa, ou brasileira propriamente dita, Dick (1990b, p. 44) destaca que, pela variedade de traços ambientais que revela, proporciona um significativo campo de estudos ao pesquisador, partindo-se dos “primitivos topônimos históricos” e considerando-se “as condições mesológicas”.

Historicamente, os acidentes geográficos (rios, morros, riachos, etc.) foram os primeiros a serem nomeados no início da conquista e da ocupação do espaço brasileiro, e a formação dos topônimos seguiu a tendência natural do processo de designação, sendo feita de acordo com os padrões vigentes

na cultura lusitana, muito embora já se encontrasse aqui uma nomenclatura básica indígena. Desse modo, a nomenclatura geográfica do território estruturou-se a partir de elementos humanos formadores da etnia brasileira, apresentando-se tão mestiça e heterogênea quanto o próprio povo.

Em termos etnolinguísticos, a nomenclatura dos nomes de municípios distribui-se em ordem decrescente entre: LP+LP=24%, LP=20%, LT=20%, LP+LP+LP=9%, LP+LP+LT=5%, LP+LT=4%, LT+LP=3%, LC=2%, LF=2%, LG=1%, LIT=1%, LE+LP=1%, LCA=1%, LE=1%, LF+LP=1%, LF + LP + LP=1%. Os demais (LT + LT, LP + LP +LP + LP, LP + LP + LG, LP + LNI, LP + LE, LP + LAL, LNI, LM, LIT + LF, LI, LES + LP, LE + LT, LE + LP + LP, LCAT, LAL, LAF, LA, LJP) tiveram apenas uma ocorrência cada.

Concluindo-se o levantamento dos topônimos, após serem enquadrados na classificação taxionômica, ficaram assim distribuídos numérica e percentualmente: 224 ou 56% dentre os topônimos analisados pertencem às taxionomias de natureza antropocultural; 175 ou 44% das denominações se enquadram nas taxionomias de natureza física. A predominância das taxes de natureza antropocultural, revela em sua grande maioria a intenção dedicatória desses nomes, a homenagem a personalidades políticas ou históricas do local ou do País, a devoção religiosa aos santos e santas, os locais de trabalho, sistemas cromáticos, ou seja, fatos relacionados à cultura, à história e à sociedade como um todo.

Já as taxes de natureza física confirmam uma tendência na Toponímia brasileira como um todo, qual seja a de o ambiente físico exercer significativa influência no ato do batismo dos acidentes geográficos. Isso decorre do fato de o denominador/designador, ao batizar um acidente, normalmente, recorrer às características físicas do local, como a exuberância da flora e da fauna, a topografia da região, ou a grandeza da rede hidrográfica, como motivação. Além disso, muitos desses topônimos são descritivos, verdadeiros ícones do meio circundante.

No que se refere à estrutura morfológica, segundo Dick (1990b, p. 13 -15), os topônimos classificam-se em simples, composto e composto híbrido. Dentre os nomes de municípios estudados, 50% de estrutura simples, 34% compostos, e 16% compostos híbridos. Destacamos aqui, novamente, as palavras de Dick (1995, p. 60) que, ao discorrer sobre o processo de nomeação dos acidentes, atesta que “os primeiros topônimos funcionavam [...] como verdadeiros ‘sign-posts’, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir características de espaços semelhantes [...]”.

A pesquisadora esclarece ainda que esse fato explica a “quase-monotonia” apresentada na “primeira camada da nomenclatura geográfica” e demonstra que, com a adoção de nomes descritivos, houve, em princípio, uma tendência do designador recorrer aos “arquétipos toponímicos” ou “universais denominativos”. Desse modo, o substantivo é utilizado como forma de retratar o acidente de maneira concreta e o adjetivo para demonstrar a subjetividade do enunciador (DICK: 1995, p. 60-61).

Por fim, mediante a análise do *corpus*, constata-se que a tendência da Toponímia dos acidentes físicos aqui analisados, no geral, não foge aos padrões denominativos encontrados em diferentes regiões do Brasil, já que o designador se vale, na maioria das vezes, de apenas um elemento descritivo para nomear os acidentes e, assim, a estrutura morfológica predominante em determinada área toponímica tende a ser a do topônimo simples.

Considerações finais

Para o estudo dos topônimos paranaenses deve-se considerar a ocupação do território, que até o final do século XIX e início do século XX, não estava totalmente urbanizado, permanecendo grande parte de seu território ainda desconhecido. Assim sendo, muitos dos acidentes geográficos, apesar de sua existência desde épocas remotas, não tinham um nome específico. Foi o homem que, ao habitar esse espaço, atribuiu o real significado ao meio circundante ao estabelecer o nome ao local descoberto.

O próprio processo de geração dos topônimos pode explicar que o homem, no ato da nomeação de um lugar, busca motivação em aspectos naturais (a aparência do acidente geográfico) ou ainda nos sentimentos, ideologias de uma comunidade ou em estados psicológicos dos grupos que ocupam uma localidade, independente da época em que o acidente foi nomeado.

Artigo recebido: 19/09/2014

Artigo aceito: 10/12/2014

Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002. Série: Princípios.
- AULETE, Caldas. *Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Desenvolvido por Lexikon: Editora Digital Ltda, 2006.
- BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. In: *Revista geográfica*. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História. v. IX, X. n. 25, 1940 a 1950, p. 163-195.
- BARTHELMESS, Arthur. *Ocupação e organização do Paraná Velho*. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 7-8, mai./1962.
- BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria Linguística (teoria lexical e linguística computacional)*. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

_____. Dimensões da Palavra. In: *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: USP, 1998 a. p. 81-118.

_____. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande (MS): UFMS, 1998b, p. 11-20.

BORDONI, Orlando. *A língua Tupi na geografia do Brasil*. Campinas: Gráfica Muto, [s.d].

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5.ed.São Paulo: Melhoramentos, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH, 1990 b.

_____. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a Toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Linguística*. v. 8, n. 1. São Paulo: Plêiade, p. 59-68, 1995.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de Caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

DRUMOND, Carlos. *Contribuição bororo à Toponímia brasileira*. São Paulo: ed. da USP, 1965.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. (Planejada e orientada por Jurandy Pires Ferreira). Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v.31.

FAJARDO, Sérgio. O território paranaense: aspectos da ocupação e formação da estrutura produtiva e as transformações da paisagem rural. In: *Guairacá*, n. 22, p. 95-117. Guarapuava, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0 – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*, Curitiba: Positivo, 2004.

GLOSSÁRIO ATEPAR. *Esboço de um Atlas toponímico do Estado do Paraná*. Londrina: UEL, 1999.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Noções básicas de Cartografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Leituras regionais: mesorregiões geográficas paranaenses*. Curitiba: IPARDES, 2004. 32p.

LAZIER, Hermógenes. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. Francisco Beltrão: GRAFIT, 2003.

LEÃO, Ermelino de. *Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná*. Instituto Histórico e Geográfico e Etnológico Paranaense. v. VII. Curitiba, 1994.

MARTINS, Romário. *Terra e gente do Paraná*. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba:1995.

MOREIRA, Júlio Estrela. *Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá* (até a emancipação da Província do Paraná). 3v. Curitiba: Imprensa Oficial, 1975.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs). In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande (MS): UFMS, 2001. p. 09-11.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma Economia Periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

RENAN, Ernest. *Origem da linguagem*. [s.l.]: Progresso, 1950.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. O Nome Curitiba. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba: origens, fundação, nome. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. v. 21, n. 105, jun. 1995.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La Toponímia en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SILVEIRA, Leonor Marcon da. A ocupação e organização espacial do território paranaense face aos recursos da natureza. In: *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Brasil, 20 (1), 20 jul. 1998. p. 129-136. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4250/2891>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi. Significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço, 1985.

_____. *Dicionário Tupi-português*. São Paulo: Traço, 1984.

VIANA, Manoel. *Paranaguá na História e na Tradição*. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1976. p.19-20.

WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.